

SOBRE A ORDEM SIMBÓLICA NO SÉCULO XXI

Autora: Sílvia Ons

Psicanalista, AME da Escuela de da Orientación Lacaniana (EOL) e da AMP

E-mail: sons@ciudad.com.ar

Resumo:

O artigo propõe uma reflexão sobre a ordem simbólica no século XXI, no sentido de se pensar no ocaso dos discursos, quando a palavra é aprisionada em sua instantaneidade, fora da modalização em que é proferida. A autora sustenta que o Outro, não mais assentado no discurso, se apresenta em sua face de gozo, impulsionando a roda viva do agir contemporâneo.

Palavras-chave: simbólico, gozo do outro, declinação dos discursos, velocidade/brevidade, aceleração/corte, descrença (*Unglauben*).

ABOUT THE SYMBOLIC ORDER IN TWENTIETH CENTURY

Abstract:

The article proposes a reflection about the symbolic order in the twenty-first century, in order to think about the downfall of the speeches, when the word is trapped in its immediacy, out of the context in which it is made. The author maintains that the Other, no longer attached to the speech, presents in her face's joy, driving the incessant movement of contemporary acting.

Keywords: symbolic, enjoyment of each other, declination of the speeches, speed/delay, acceleration/cutting, disbelief (*Unglauben*).

Sobre a ordem simbólica no século XXI¹

Sílvia Ons

O filme de Laurent Cantel — **Entre os muros** — oferece a oportunidade para o começo de uma reflexão sobre a ordem simbólica no século XXI. Seu cenário é o de uma aula de francês, em um bairro dos subúrbios de Paris, da qual participam alunos de distintas origens culturais. O professor tenta valer-se de todos os recursos para driblar as dificuldades que a aula lhe coloca: problemas de integração, segregação, rebeldia inusitada, multiculturalismo. Leva assim adiante uma tarefa não só docente, mas que tenta também ser terapêutica, ele busca compreender, se empenha em não desistir. A cena mais dramática do filme — e sobre a qual gostaria de deter-me — se produz a partir do que acontece em uma reunião do conselho de classe, formado pelos professores e duas alunas da classe como representantes. Nessa ocasião, as jovens têm um péssimo comportamento: comem, falam entre elas, riem, brincam, perturbando o professor. Este, indignado, ultrapassa os limites, dizendo que elas tiveram uma atitude de “*pétasse*”.² Em consequência disso, produzem-se terríveis incidentes que terminam com a súbita partida de um aluno e acusações muito fortes contra o professor. A expressão “*pétasse*” não só se refere a uma prostituta profissional, mas também a uma adolescente um tanto volúvel, provocativa, e foi traduzida para o espanhol como “*zorra*”³. As alunas não hesitaram em afirmar terem sido nomeadas como tal e omitiram que o professor havia dito que elas se comportaram como tal, o que não significa uma nomeação do ser. Tampouco referiram o contexto — a inadequação da conduta das meninas na reunião — que desencadeou a infeliz expressão do docente. Também de nada adiantou o ardor e o interesse demonstrados por esse homem em relação a seu curso. Só restou como saldo o valor de insulto do dito e nada mais. A declinação dos discursos se encaminha no sentido de que a palavra tome o sentido de uma injúria e de uma afronta que chegam ao coração do ser. Nesse sentido, trata-se de se pensar no ocaso dos discursos, quando a palavra é aprisionada em sua instantaneidade, fora da modalização em que é proferida. E, fora desse espaço educativo, não notamos por acaso de que forma ela se entende imediatamente ao ser confinada ao grupo partidário de onde supostamente provém e aos interesses que a governam, aos propósitos implícitos que a impulsionam?

Jean-Claude Milner destaca uma imprevista consequência do princípio do ilimitado na sociedade, já que, na falta de um exterior possível, o sujeito se volta contra si mesmo. Somente o corpo dará consistência ao ser falante e não mais o discurso que se havia acalentado universal. A tatuagem seria, nesse sentido,

paradigmática de tal retorno. Mas também pode ser interessante indagar qual é o apoio do Outro, aquele rendido pelo discurso, como ficou coberta essa vaga. Considero que esse lugar é habitado pelo suposto gozo do Outro. Assim, a ordem simbólica está atravessada pela dupla aceleração e corte imediato onde a significação se interpreta em termos de gozo do Outro.

No Seminário **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, Lacan⁴ diz que, no fundo da própria paranoia, tão animada, em aparência, pela crença, reina o fenômeno da *Unglauben*. O substantivo que Freud utiliza em alemão para designar essa “incredulidade de origem” do sujeito paranoico é *Unglaube*, que corresponde à negação de *Glaube*, que significa fé e crença. Foi Freud⁵ quem introduziu esse termo para explicar o mecanismo da projeção, que é típico nessa afecção. Nega-se crença em uma eventual reprovação interna, atribuindo ao próximo o desprazer que essa censura gera. “O elemento determinante da paranoia é o mecanismo projetivo, que envolve a recusa da crença na autocensura.” A projeção implica não acreditar no inconsciente, rechaçá-lo, manter o que emerge dele longe do eu. É interessante que Freud evoque nesse mecanismo uma posição subjetiva que desautoriza uma crença, dizendo-nos com isso que as formações do inconsciente supõem uma crença para serem reconhecidas, caso contrário, é lançado “ao mundo exterior o sumário da causa que a representação estabelece”. Tanto Freud quanto Lacan nos indicam que o paranoico não crê em algo diferente de seu eu, já que — em termos lacanianos — para que exista crença é preciso que também exista divisão subjetiva, quer dizer, que o eu admita uma ordem que o ultrapassa. A decadência dos discursos conduz a não admitir nenhuma ordem como tal. Não há crença, mas certeza relativa à malignidade dos outros, Lacan nos ensina que, quanto mais declina a primeira, com mais força se instaura a segunda. Se em sua obra definiria como relativo à paranoia o gozo identificado ao Outro, isso não revela que, quando não se crê, o que anima o vínculo é a certeza relativa ao gozo do Outro? Assim, a incredulidade pós-moderna pode colocar-se ao lado do fundamentalismo mais extremo.

Sobre a velocidade

Detenhamo-nos na rapidez com a qual se insta dar uma resposta imediata ao que se pergunta, e que é impossível de explicar em um minuto. Observemos a secreta atração que impulsiona ao *zapping* e que substitui inclusive o desejo de ver um bom filme. Notemos de que modo a velocidade se revela na prontidão com que se nomeiam certas situações. Por exemplo, as frequentes cavilações⁶ de alguns

adolescentes acerca da identidade sexual sempre existiram. Mas o novo é que essas dúvidas são prontamente sufocadas, quando o que antes era uma fantasia é considerado como indicador de uma certa preferência sexual. Assim, tudo o que ocorre a um sujeito é, instantaneamente, subsumido em uma suposta identidade do ser. Para dar algum dos múltiplos exemplos: se uma menina pensa em demasia em uma amiga é por ser lésbica; se come muito doce, bulímica; se experimenta mudanças de humor, bipolar. Eclipsando as nuances das coisas, tais nomeações apagam seu mistério e fazem com que, muitas vezes, o que antes podia ser para um sujeito um pensamento, uma conduta esporádica ou uma fantasia, se torne prontamente uma chave que responde ao que seria a real identidade. E quando um sujeito está desorientado — algo muito habitual nesses momentos — aferrar-se-á tanto mais àquilo que lhe daria um suposto ser. Também essa captura imediata se revela na frase pela qual os adolescentes de hoje se referem ao encontro erótico com uma menina, dizendo: “a comi” como se não existisse um resto.

Diz Lacan que “um discurso requer tempo, tem uma dimensão de tempo, uma espessura”.⁷ A aceleração do século XXI constituiria uma severa ameaça. Faz pouco escutei uma analista reivindicar a sessão de 50 minutos nesses tempos — dizia — nos quais a pressa faz de nossa vida um *zapping*. O comentário encerrava uma crítica explícita aos lacanianos, que, segundo ela, seguiam o tom da época, não oferecendo, nesse sentido, nenhuma resistência. O *yuppie* moderno encontraria em nosso movimento terreno fértil onde assentar-se. Considero interessante tomar esse comentário (que também escutei em outras oportunidades por parte de membros da IPA) para revisar o princípio analítico ligado ao tema do tempo. A colega confunde velocidade com brevidade. A aceleração define muito bem o homem de nosso tempo. Heidegger⁸ assinala a incapacidade para deter-se na contemplação e o afã crescente por novidades como uma de suas características. Mas antes do criador de **O ser e o tempo**, Nietzsche⁹ havia antecipado que o que mais importa ao homem moderno não é mais o prazer ou o desprazer, mas ser excitado. Sua “insaciável avidez” coexiste complexamente com seu tédio e vazio, no marco de uma “precipitação indigna” e de uma “inquietação febril”. Se recordamos a diferença estabelecida por Aristóteles entre ato e movimento, podemos dizer: muito movimento, ausência de ato. Para Nietzsche, esse homem “ativo”, desassossegado, é profundamente preguiçoso, já que não se dá ao trabalho de forjar uma opinião singular, no qual deveria demorar-se, para não abdicar de sua própria perspectiva.

Velocidade não se identifica com brevidade, já que a velocidade produz um esgotamento do tempo, suprimindo a espera e a duração. Tal é o recurso do poder

mediático no frenesi apocalíptico das mensagens. Cabe recordar a velha lei da comunicação: quanto mais rápido é o impacto do anúncio, mais acidental se torna e maior é sua perda de substância. A colega acreditava encontrar na sessão de 50 minutos a melhor maneira de dar lugar ao tempo que falta no apressamento paroxístico de nossos dias. Poderíamos dizer-lhe que o sujeito não se libera de tal aceleração permanecendo mais tempo na sessão, já que isso pode mais propiciar o movimento em cascata de blá-blá-blá do gozo fálico tão em acordo com a época atual. Javier Aramburu¹⁰ considera que hoje a histeria é mais de conversação que de conversão e que ela não se cura por falar, não se trata de confundir o veículo da cura com seu fim. Não é o maior tempo cronológico que introduz um corte nem dá lugar à pretendida demora, ali onde tudo parece apontar à vertigem. É a interpretação que quebra a incansável sucessão, inscrevendo-se como surpresa, quer dizer, como momento não homogêneo, como acontecimento imprevisto, hiato fecundo. Em **A erótica do tempo**, Miller¹¹ nos diz que o analista extrai a palavra do tempo que passa, convertendo-o em saber inscrito, escritura. Nada mais distante dessa velocidade que anula os intervalos, impedindo as ancoragens. Tempo suficiente mais que técnica de sessão breve, tempo suficiente para que o dizer não fique esquecido no dito. Assim entendo a resposta de Lacan ao analisante Lemoine, quando este o interrogou acerca da mudança introduzida na duração da sessão: “fazer a sessão mais sólida”. Sólido aplica-se ao estado da matéria no qual as moléculas não têm liberdade de movimento apreciável e às substâncias que têm esse estado, que têm uma forma estável e oferecem resistência à deformação, aplica-se às coisas fabricadas que não se destroem ou desaparecem com facilidade e às coisas que não se movem ou caem facilmente e, correspondentemente, a seu fundamento e apoio. Sessão sólida em “tempos líquidos”.

Tradução: Márcia Mezêncio

Revisão da tradução: Jorge Pimenta

¹ Publicado em **Virtuália**, 21, setembro 2010. Disponível em: <http://virtualia.eol.org.ar>. Acesso em: 07/03/2011.

² NT: Em francês no original.

³ NT: Rameira, prostituta. Em português, foi traduzido por “vagabunda”.

⁴ LACAN, J. **O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. p.225.

⁵ FREUD, S. (1896/1990). Rascunho K “As neuroses de defesa”, In: **ESB**, Rio de Janeiro: Imago, v.I, p.316.

⁶ NT: Ardil, manha.

⁷ LACAN, J. (1957/1958). **O seminário. Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

⁸ HEIDEGGER, M. (1927) **O ser e o tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

⁹ NIETZSCHE, F. "Consideraciones intempestivas". **UB III**, p.337.

¹⁰ ARAMBURU, J. "El deseo del analista". **La histeria hoy**, Buenos Aires: Tres Haches, 2000.

¹¹ MILLER, J.-A. **A erótica do tempo**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro, 2000.